

* **Artigo Original**

Análise do discurso, o uso de imagens e o campo da saúde: aspectos teórico-metodológicos

Diana Pinto

Professora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social - UNIRIO

DOI:10.3395/reciis.v5i2.490pt

Resumo

Este artigo objetiva apresentar as bases da análise do discurso na perspectiva interacional e sua aplicação em pesquisas no campo da Saúde, mais especificamente a área da Saúde Mental. Inicialmente discorre-se sobre o termo análise do discurso, ferramenta metodológica de natureza empírica amplamente usada em investigações de vários campos do conhecimento no âmbito das Ciências Humanas, Sociais e nas Ciências da Saúde. São apresentadas as bases epistemológicas comuns que orientam as mais de 50 abordagens distintas existentes para a análise do discurso para, em seguida, detalhar os princípios teóricos que informam a vertente sócio-interacionista, que concebe o discurso como uma produção conjunta dos participantes em uma interação face a face. Os procedimentos metodológicos empregados na coleta e no exame do corpus, tais como a criação de um sistema de transcrição e a posterior categorização das ações/seqüências são apresentados para, em seguida, apontar-se as vantagens e os problemas no uso de imagens em pesquisas qualitativas em saúde. Por fim, propõe-se a discussão sobre as implicações éticas e práticas advindas da adoção da vertente sócio-interacionista da análise do discurso para o uso de imagens em pesquisas no campo da saúde.

Palavras-chave: análise do discurso; Sociolinguística Interacional; pesquisa qualitativa; imagens; Saúde

Introdução: a análise do discurso na perspectiva sócio interacionista

Procuraremos aqui refletir sobre aspectos e partO que é análise do discurso? Iniciamos o presente artigo com uma pergunta retórica, mas cujas possíveis respostas nos servirão de norte na condução da discussão aqui proposta. Segundo Gill (2002), a análise do discurso é um rótulo que se aplica a uma gama de mais de 50 abordagens nos estudos de textos orais e/ou escritos. Desenvolvida no campo da Sociologia, tem sido empregada nas mais distintas áreas a exemplo da Psicologia Social, Linguística, Inteligência Artificial, e da Antropologia, apenas para citar algumas. A despeito dessa enorme diversidade, podemos, segundo a autora, identificar, do ponto de vista epistemológico, três pontos em comum que subjazem às várias abordagens. Em primeiro lugar, as vertentes rejeitam a concepção realista da linguagem, segundo a qual ela seria uma ferramenta para descrever o mundo e a concebem como um instrumento que *constrói* realidades. A natureza social da realidade é outro pilar que sustenta as várias abordagens para a análise do discurso, rechaçando-se o essencialismo segundo o qual o mundo preexistiria ao ser social. Assim, parte-se do pressuposto de que, ao utilizarmos a linguagem, estamos criando a realidade, em consonância, portanto, com o paradigma qualitativo de pesquisa (DENZIN; LINCOLN, 2000). E, por fim, destacam, em sua compreensão, que as formas que temos de compreender a realidade são cultural e historicamente circunscritas.

Neste artigo, o enfoque recai sobre a perceptiva sócio-interacionista para a análise do discurso que o define como uma prática *social* e não individual. De natureza eminentemente interdisciplinar, essa vertente de análise constituiu-se no bojo das contribuições do sociólogo Erving Goffman e do antropólogo John Gumperz (SCHIFFRIN, 1994). Para Goffman (2002), a interação face a face é um domínio da vida social, um processo de negociação mútuo entre os participantes de uma interação. Utilizamos a linguagem para fazer coisas: elogiar, seduzir, desculpar-se, em situações particulares, ou nos termos de Gumperz (2002), em contextos específicos. A preocupação central do sociólogo era compreender, a partir do exame de interações, como se dá a ordem social, ou seja, como somos capazes compreender o que está acontecendo aqui e agora quando interagimos com meu interlocutor. Para o antropólogo, o foco de investigação recai sobre o exame de como contextualizamos a comunicação em práticas discursivas situadas vistas como interativas, sociais, com a cooperação de mais de um participante.

O trabalho do analista do discurso: etapas metodológicas

O trabalho do analista do discurso, nessa abordagem de natureza qualitativa interpretativista, assemelha-se ao de um artesão ou ao de um *quilt maker* (DENZIN; LINCOLN, 2006), na medida em que não é possível descrever aprioristicamente um conjunto fixo de procedimentos metodológicos a serem empregados em seu trabalho. Fundamentalmente, trata-se de pesquisas qualitativas (DENZIN *et al*, 2006; GIALDINO, 2006) nas quais os dados, verbais e/ou não verbais, orientam a condução do estudo.

Algumas etapas metodológicas são sugeridas pela literatura na área (RIBEIRO, 1991; GILL, 2002; FLICK, 2004; GIALDINO, 2006), e a interpretação dos dados abarca diferentes práticas interpretativas. A natureza do corpus e a forma de captá-lo, como em toda pesquisa de natureza qualitativa, depende fundamentalmente da questão que se pretende examinar e do desenho da investigação. Sublinha-se que, por se tratar de interações em contextos naturais não experimentais, o planejamento de como os dados serão coletados é de suma importância. Múltiplas práticas metodológicas são comumente utilizadas. A etnografia, que segundo Becker (2008), é um método processual de investigação social cujo objetivo é apreender/aprender, das pessoas observadas, os significados que elas mesmas dão as suas ações. É uma atividade perceptiva baseada no olhar constantemente construído na relação do pesquisador com a realidade social observada, em todas as suas facetas perceptíveis. As notas de campo resultantes constituem descrições densas, e o pesquisador etnógrafo transita nos polos estrangeiro/familiar do contínuo da experiência da pesquisa (AMEIGEIRAS, 2006).

Os diferentes tipos de entrevistas – grupos focais, entrevistas individuais (GASKELL, 2000), entrevistas narrativas (JOVCHELOVITCH *et al*, 2002; FLICK, 2004), histórias de vida (MALLIMACI; BELIVEAU, 2006), entrevistas médico-paciente (MISHLER, 1984; PINTO *et al*, 2005; RIBEIRO *et al*, 2006 a e b), entre outros - configuram-se também como uma potente estratégia de coleta de dados. Do ponto de vista do analista do discurso, o gênero discursivo (BAHKTIN, 1986) entrevista médica configura-se como um foco de estudo bastante rico e complexo, evidenciando um trabalho de co-construção do discurso pelos participantes, a criação conjunta de contextos de interlocução entre médico e paciente e um processo permanente de negociação de significado.

A entrevista médico/paciente é mediada por um saber que possibilita e legitima o encontro; cabe ao médico nomear a doença, inscrevendo-a na ordem do dizível. Neste sentido, ambos os participantes parecem compartilhar do objetivo maior do encontro, quer seja, amenizar a dor do paciente. Não obstante, este mesmo saber, que é a real condição para este tipo de construção discursiva, realiza esta transposição à luz de algumas pressuposições que não são necessariamente sinalizadas, percebidas e interpretadas de maneira idêntica por parte de ambos os interagentes e que, de alguma maneira, podem funcionar como obstáculo, às vezes intransponível, para uma comunicação satisfatória. Isto porque o saber que ancora a prática clínica é constituído por um arcabouço semiológico, que informa, mapeia e circunscreve a tradução do sintoma em categorias previamente estabelecidas. Os papéis discursivos (GOFFMAN, 1975) são definidos aprioristicamente. Cabe ao médico orientar a interação introduzindo o tema a ser tratado, interromper o interlocutor/paciente quando achar necessário, esclarecer alguma questão, insistir em determinados assuntos, mesmo quando o ouvinte sinaliza vontade contrária e retornar a tópicos que já foram discutidos, mas que, do ponto de vista do médico, demandam uma investigação maior para uma tradução sintoma/sinal fidedigna, entre outros aspectos. Ao paciente cabe responderas perguntas feitas pelo médico de maneira extensiva e completa. Evidencia-se, assim, uma assimetria de diferentes naturezas: de saber, de papel social e de papel discursivo. Resulta, então, a necessidade de analisar a entrevista psiquiátrica como um intenso processo de negociação de significados. E ao referir-nos ao comportamento linguístico, encontram-se aí incluídos uma gama de informações bastante complexas: os aspectos morfo-sintático e semânticos (relativos à seleção dos vocábulos utilizados, sua ordenação nos enunciados e o sentido que advém desta combinação), pragmáticos (que incluem a intenção que o falante tem ao escolher uma dada forma linguística naquela situação de uso), e discursivos (relativos à relação entre os participantes e a sua relação com o texto).

Outro ponto que merece atenção é a maneira de captar/coletar os dados (apenas em áudio, em áudio e vídeo ou apenas em vídeo), etapa da pesquisa que resulta da análise, por parte do investigador, de aspectos contextuais relativos ao campo sob investigação, tais como acessibilidade ao campo e aos sujeitos da pesquisa e a natureza da questão de pesquisa que se visa a responder. Fatores de ordem prática também são considerados nessa decisão: tempo para a realização da pesquisa, existência de financiamento para o deslocamento até o campo e/ou para a aquisição de equipamentos necessários para a captação de imagens, entre outros. Documentos, a exemplo de prontuários no caso do campo da Saúde e da Saúde Mental, são, por vezes, considerados peça complementar, por exemplo, para a compreensão do processo de institucionalização de um paciente,

e seu acesso, por parte do investigador, pode estar vinculado à negociação prévia do investigador com a referida instituição.

Com relação à transcrição de dados, considera-se que a transposição do discurso oral para o escrito, no caso de dados constituídos por interações orais, é parte integrante da análise (RIBEIRO, 1991), na medida em que, por um lado, cabe ao analista recortar e selecionar as sequências discursivas mais ilustrativas e pertinentes a sua pesquisa, como também decidir qual o melhor sistema de convenções a serem utilizadas nas transcrições. Para esta decisão, considera-se o escopo da pesquisa, a natureza dos dados e área de atuação do pesquisador. Uma crítica frequente ao uso de um sistema de convenções que transcreve detalhadamente, além dos enunciados, os aspectos paralinguísticos (ritmo da fala, ênfases, alongamento de vogais, falas sobrepostas, etc.) e não verbais (direção do olhar, postura dos participantes, etc.) da interação é o fato de que o leitor não familiarizado com esse recurso pode deparar-se com um excesso de informação de difícil processamento. Discute-se, portanto, a adequação das convenções a serem utilizadas (RIBEIRO, 1991, 1994; LODER, 2008) à luz da área de conhecimento em que a pesquisa é concebida. Para aquelas áreas cuja interlocução com os estudos da linguagem na vertente interacionista ainda está em processo de consolidação, sugere-se que a convenção selecionada priorize os aspectos verbais relativos aos enunciados bem como àqueles não verbais e paralinguísticos mais proeminentes para a questão em estudo (cf. PINTO *et al*, 2007).

O retorno aos dados, através da leitura das transcrições em diferentes momentos da pesquisa, também integra o conjunto de procedimentos metodológicos fundamentais para a etapa posterior, que é o processo de criação de categorias com base na observação de padrões recorrentes e/ou dissonantes nos dados. A procura por padrões nos dados pode se dar através de comparações entre as várias situações comunicativas (observações oriundas das notas de campo, conversas informais, entrevistas, relatos de profissionais no prontuário, etc.), observando as particularidades contextuais. Uma análise inicial fornece subsídios para a formação de um primeiro agrupamento de categorias cuja pertinência será avaliada no constante processo de retorno aos dados.

Nas últimas três décadas, vários *softwares* têm auxiliado pesquisadores, particularmente os que adotam o paradigma qualitativo, na trabalhosa tarefa de categorização de dados (KELLE, 2002), superando, progressivamente, os temores iniciais de que o uso do computador modificasse a prática da pesquisa qualitativa. Os programas ATLAS-ti, NUD-IST (FLICK, 2004) e mais recentemente, o N-VIVO são ferramentas úteis particularmente quando os corpora são extensos e a pesquisa é realizada por uma grande equipe de investigadores, em diferentes centros de pesquisa, pois agilizam o manuseio e o gerenciamento dos dados bem como aumentam a consistência das codificações. Fundamentalmente, tais programas possibilitam o armazenamento de um grande banco de dados, independentemente de sua heterogeneidade, e permitem que, após a criação dos códigos pelos pesquisadores, aqueles sejam marcados no corpus facilitando a tarefa de recuperação das sequências relativas a cada uma das codificações.

Em suma, a preocupação central do analista do discurso na abordagem sócio-interacionista é, a partir do percurso metodológico descrito acima, explicitar o que está implícito na comunicação com vistas a responder a duas questões basilares: como interpretamos uns aos outros, preenchendo os vazios daquilo que não é explicitado? E como podemos nos entender mutuamente e comunicar o que realmente desejamos se a língua é tão aberta, sujeita a constantes modificações e sutilezas?

Os princípios teórico da análise do discurso na perspectiva sócio-interacionista

Com o objetivo de situar a Sociolinguística Interacional no contexto mais amplo dos estudos que focalizam a comunicação humana (SCHIFFRIN, 1994; CAMERON, 2001; RIBEIRO *et al*, 2002), serão brevemente apresentadas as principais correntes teóricas que contribuíram para o surgimento dessa abordagem, destacando a Análise da Conversação (Sacks *et al*, 2003), a Etnografia da Comunicação (Gumperz; Hymes, 1972), e a Análise de Enquadres (Goffman, 2002; RIBEIRO; HOYLE, 2002).

A Análise da Conversação (SACKS *et al*, 2003) evidenciou que "a conversa não se funda exclusivamente na produção individual de cada falante, mas na produção conjunta" (MARCUSCHI, 1986, p. 84), levando-nos a considerar, portanto, a conversa como uma atividade de co-produção discursiva. Neste sentido, poder-se-ia localizar aqui, o surgimento da concepção de discurso tomada pela Sociolinguística Interacional enquanto o resultado de um esforço conjunto de seus participantes. Através de extensa pesquisa, a Análise da Conversação demonstrou a existência de regras universais que subjazem o gênero mais simples da interação humana, a conversa. Estes analistas estudaram as características organizacionais da conversa tais como a organização turno a turno, as sequências, como também os organizadores globais (para a abertura, desenvolvimento e fechamento) e os marcadores conversacionais (partículas como "bem", "entendeu?", "pois não"). Baseando-se na

regra geral de 'fala um de cada vez', os estudiosos propuseram um conjunto de propriedades em que "a tomada de turno torna-se uma operação básica da conversação (sendo) o turno (...) aquilo que um falante faz ou diz enquanto tem a palavra, incluindo aí a possibilidade do silêncio" (MARCUSCHI, 1986, p. 18). A constatação de que "a conversação consiste normalmente numa série de turnos alternados, que compõem sequências em movimentos coordenados e cooperativos" (MARCUSCHI, 1986, p. 34) levou os analistas a proporem o conceito de par adjacente, "uma sequência de dois turnos que co-ocorrem e servem para a organização local da conversação" (p. 35). Assim, após uma pergunta, esperamos uma resposta, após um convite, uma aceitação ou uma recusa, e após um cumprimento, outro cumprimento.

A Etnografia da Comunicação (Gumper; Hymes, 1972) foi a primeira corrente de estudos a procurar regularidades no uso da língua, tornando a comunicação humana na fala do dia a dia objeto de investigação primordial. Baseados em dados que incluem "informações sobre o uso do repertório linguístico, a totalidade de diferentes variedades linguísticas, dialetos e estilos empregados por um dado grupo social" (Gumperz, 1982), os etnógrafos da comunicação demonstraram que o conhecimento socio-cultural é revelado no uso da língua e "caracterizado por valores e normas culturais específicas que delimitam tanto a forma como o conteúdo do que é dito" (p. 154). A Etnografia da Comunicação contribuiu para o surgimento da Sociolinguística Interacional na medida em que trouxe à tona a existência de regras que subjazem o emprego da língua de um determinado grupo social, normas essas culturalmente específicas e compartilhadas pelos membros deste grupo. Para o autor, as variantes linguísticas são mais bem compreendidas como dispositivos de sinalização discursivos, convencionalmente partilhados – ou não – pelos participantes com usos em situações específicas.

As convenções de contextualização (GUMPERZ, 2002) são pistas de natureza sociolinguística que usamos para sinalizar nossas intenções comunicativas ou inferir as intenções alheias. Elas podem ser de natureza linguística, a exemplo do sistema linguístico usado, paralinguística - pausas, hesitações, tom de voz -, prosódica, como a ênfase, e, ainda, não verbais. Sublinha-se que os usos dessas pistas, que fornecem em seu conjunto a base para as interpretações do analista, são cultural e convencionalmente definidos. Estamos diante de uma teoria da interpretação situada (GUMPERZ, 1992) e culturalmente específica na medida em que os processos inferenciais dependem do conhecimento das pistas e do que elas comunicam. Assim, a noção de cultura é relativizada e acessível através da forma como reagimos ao que ouvimos em situações particulares.

A Análise de Enquadres (BATESON, 2002; GOFFMAN, 1974, 2002; TANNEN, 1986, 1989; TANNEN; WALLAT, 2002) é outra tradição de pesquisa a fornecer contribuições valiosas para o desenvolvimento da abordagem da Sociolinguística Interacional para a Análise do Discurso. Para caracterizar a dinâmica do encontro face a face entre falantes e ouvintes, Erickson e Schultz (1977, 1982) propõem o conceito de estrutura de participação, definido como os direitos e deveres dos participantes enquanto falantes e ouvintes, e os papéis sociais e discursivos que os mesmos desempenham ao interagirem face a face. Estes papéis sofrem constantes modificações. Para Goffman, essas mudanças constituem mudanças de *footing* (GOFFMAN, 2002), de alinhamento que os falantes assumem para si e para os outros na produção e recepção de enunciados. E são estas mudanças na postura, no ritmo, na ênfase e na tonalidade da fala, assim como nos níveis morfo-sintático e semântico, que possibilitam a nós, falantes de uma dada língua, mudarmos o *enquadre* da interação, isto é, o que está acontecendo no momento em que interajo com meu interlocutor (TANNEN, 1986). Estamos diante, portanto, de outro conceito fundamental para a Análise do Discurso que segue a abordagem aqui adotada: o conceito de enquadre, definido por Bateson (2002) como um conjunto de instruções, que servem para orientar o ouvinte na compreensão da mensagem, de forma semelhante ao funcionamento de uma moldura na orientação da percepção de uma pintura por um observador. Assim, para que o/a ouvinte interprete o conteúdo referencial - a mensagem - de uma dada elocução, é necessário que o faça com base na *metamensagem intencionada* pelo/a falante.

O uso de imagens em pesquisas na área da saúde

Do conjunto de convenções ou pistas de contextualização de que nós, participantes, lançamos mão nas interações, destaca-se, neste momento, o papel das pistas não verbais. Olhares, sorrisos, gestos, a distância entre os participantes e as posturas mantidas pelos mesmos, por exemplo, integram nosso conhecimento sociolinguístico; são constitutivos de nossas práticas discursivas e, portanto, contribuem para produzir efeitos comunicativos. Poso isso, devemos, então, considerar a necessidade e a viabilidade de integrar tais informações de natureza não verbal nos dados, empregando o registro áudio-visual (LOIZOS, 2002). Tal registro traz algumas vantagens para o analista, pois configura uma forma poderosa e detalhada de registrar as ações humanas, múltiplas e complexas, nas quais vários atores sociais estão engajados, muitas vezes simultaneamente. Em um atendimento, em uma

emergência de um hospital, a título de ilustração, há vários profissionais envolvidos nas diferentes etapas dessa prática comunicativa institucional (DREW; HERITAGE, 1992), que engloba desde o segurança do serviço de saúde, passando pela recepcionista da instituição, pelo(a)s enfermeiro(a)s e ou assistentes de enfermagem até o(a) médico(a) de plantão. Para uma compreensão da interação, o que está acontecendo aqui e agora, nos termos de Goffman (1974), as informações não verbais oferecem subsídios potentes para o entendimento das múltiplas sinalizações, acerca de como os participantes constantemente contextualizam o discurso e como este opera na construção de relações sociais dentro da instituição.

Tomando-se por base o poder e a prevalência da visualidade no mundo contemporâneo social, econômico e político, pode-se apontar outras vantagens no uso do registro áudio-visual. O acesso repetido e infinito aos dados possibilita o analista examinar as várias laminações dos atos comunicativos (GOFFMAN, 1974). A utilização em pesquisa-ação (BARBIER, 2006) por diferentes profissionais permite o aproveitamento do material registrado para além da análise. Na clínica, em situações de treinamento de habilidades, a exemplo do treinamento de médicos residentes ou de discussão de um caso clínico, o registro áudio visual de uma anamnese pode, por um lado, ancorar a observação clínica atenta de um paciente, fomentando discussões pormenorizadas que orientem hipóteses diagnósticas dos profissionais, em formação ou não, sem a presença física e, por vezes, constrangedora do paciente. No caso específico da Psiquiatria, campo da medicina que não possui medidas padrão e cuja prática centra-se na clínica, ou seja, na *observação* do comportamento do paciente, o acesso à informação não verbal tais como a direção do olhar do(a)s participantes, suas expressões faciais, risos entre outras pistas, permite ao investigador compreender os vários contextos de interlocução a partir dos quais os participantes se orientam.

Por outro lado, há certas reflexões a fazer quando optamos pelo uso de registros áudio-visuais para nossa análise. Primeiramente, cabe lembrar que dados visuais não retratam o real; eles são selecionados pelo olhar de uma câmera que é manipulada por indivíduos que utilizam diversos recursos técnicos, tais como o enquadramento, o ângulo, o brilho, como estratégias de representar/construir uma dada realidade. Esse ponto nos instiga a refletir sobre as identidades de quem está atrás das câmeras. Trata-se do próprio pesquisador, de alguém de sua equipe, de um técnico ou mesmo de um participante? Deparamo-nos, então, com duas questões, uma de natureza técnica/prática e outra de natureza ética que se entrecruzam frequentemente. É certo que a tecnologia voltada para dispositivos que capturem imagens (câmeras de várias dimensões e usos, celulares, etc.) tem avançado rapidamente, propiciando um aumento exponencial de sua oferta. Contudo, sabe-se que a qualidade do material produzido é diretamente proporcional à capacitação de quem o manuseia. No âmbito da pesquisa, indaga-se a pertinência de contratar um profissional da área ou mesmo de treinar algum membro da equipe. No primeiro caso, é necessário que o pesquisador avalie as implicações da incorporação de um técnico "estrangeiro" ao grupo de pesquisa no campo em observação. No caso da gravação de imagens de um grupo focal com pacientes psiquiátricos cujo objetivo era investigar suas percepções sobre a sexualidade de portadores de transtorno mental, tópico sensível que requer uma preparação prévia dos pesquisadores/mediadores do grupo para a condução do encontro, a decisão pelo treinamento de um dos investigadores para a função de coleta de imagens pareceu, face ao objetivo da pesquisa, a mais indicada (PINTO *et al*, 2007).

Este ponto nos encaminha para a discussão de alguns aspectos éticos (CHRISTIANS, 2006): como conjugar a confidencialidade na captação de dados verbais e não verbais de uma entrevista psiquiátrica com uma paciente (RIBEIRO, 1994; RIBEIRO; PINTO, 2006), por exemplo, com o caráter técnico necessário para a referida função? Outro ponto a ser considerado é o escopo do corpus necessário para a pesquisa. Devemos nos perguntar em que medida os dados visuais são necessários para a investigação em curso, pois o uso de dados visuais, face aos progressivos avanços tecnológicos que propiciaram, por um lado, o incremento na qualidade de máquinas para esse fim e, por outro, o custo cada vez mais baixo, é muito tentador. Deve-se estar atento ao fato de que podemos ter, como resultado, muitas horas de dados que necessitarão de posterior tratamento. Como visto anteriormente, toda análise de dados requer *sistematização* que implica um exame sistemático do corpus, a criação de um sistema de anotação/transcrição para ações e sequências que o pesquisador julgue importantes para seu estudo com o conseqüente estabelecimento de padrões consistentes e a posterior categorização das ações/sequências, a partir de categorias/conceitos que ancoram o arcabouço teórico selecionado. É certo que softwares tais como o N-VIVO oferecem possibilidades de conjugar, em seu banco de dados, documentos em vários tamanhos e formatos, tanto verbais quanto visuais, porém a desafiadora e extenuante tarefa de criar os códigos norteadores para a condução da investigação continua sendo realizada pelo pesquisador.

Deve-se também considerar que carecemos, no campo da investigação do discurso na perspectiva internacionalista, de um conjunto de dispositivos analíticos específicos para a análise de imagens em

movimento em situação real de comunicação, beneficiando-nos, por vezes, de propostas metodológicas criadas para pesquisas com material audiovisual (ROSE, 2002), a exemplo de programas de televisão que, em sua extensa maioria, diferentemente das interações face a face, seguem um roteiro previamente estabelecido e cujo produto final é resultado de um intenso processo de edição. Nutrimo-nos de contribuições da proxemia (HALL, 1990) que aborda as posturas e distâncias entre os participantes e da kinésica (BIRDWHISTELL, 1970; KENDON, 1981), que se preocupa com os gestos e expressões faciais. Na maioria das vezes, os dados visuais ainda são tratados como texto. Contudo, permanece o desafio de criar dispositivos metodológicos capazes de contemplar a sincronia entre informação verbal e visual inerentes à comunicação humana.

Pesquisas em saúde como uso de imagens: algumas implicações práticas e éticas na adoção da vertente interacionista para a análise do discurso

A concepção interacionista do discurso como a construção conjunta entre os interlocutores em uma interação face a face traz, em seu bojo, a consequente aceção de que o sentido é resultado de uma negociação constante e mútua entre seus participantes. E se o discurso é visto como ação sobre o mundo, logo o que fazemos, e não apenas o que dizemos, torna-se parte integrante de nossa investigação. Assim tanto as pistas verbais, paralinguísticas e não verbais, como dito anteriormente, constituem nossas práticas discursivas. E quais são as implicações da adoção da perspectiva interacionista do discurso para o registro de material visual? Tal noção de discurso deve orientar a captação de imagens que comporão os dados da pesquisa. Isto implica dizer que todos aqueles que interagem e, conseqüentemente, contribuem para a criação e a atribuição conjunta de sentido daquela situação comunicativa, devem integrar a cena gravada. Do ponto de vista prático, a depender da natureza dos dados (uma entrevista grupal, um atendimento de emergência) e do número de participantes envolvidos, tal recomendação pode tornar-se bastante complexa na medida em que seriam necessárias pelo menos duas câmeras e alguns microfones previamente instalados no ambiente para a captação dos movimentos, olhares, posturas e das falas de todos os participantes. Importante ressaltar que estamos tratando de coleta de dados em situações naturais, e a necessária preparação técnica para essa tarefa pode alterar as rotinas dos ambientes em observação de tal forma que os dados coletados distanciem-se das práticas discursivas correntes. Decorre daí a necessidade de treinamento da equipe (dos técnicos ou dos próprios investigadores) que ficará responsável pela filmagem e gravação do *corpora*.

O uso de imagens em pesquisa na área de Saúde, sobretudo no campo da Saúde Mental, tem se constituído, nas duas últimas décadas, um constante aprendizado e desafio para os investigadores. A reconhecida necessidade da preservação do anonimato e da confidencialidade de pacientes, preconizada pela Resolução 196/1996, do Conselho Nacional de Saúde, e garantida através da obrigatoriedade da apresentação e da aprovação dos projetos de pesquisa aos vários Comitês de Ética no país, impõe, por vezes, algumas limitações à captação de imagens de pacientes, mesmo quando considerada necessária para o adequado desenvolvimento do trabalho. Em uma pesquisa multicêntrica, o Projeto Interdisciplinar de Sexualidade, Saúde Mental e Aids (PRISSMA), que visava à criação de uma intervenção brasileira para a prevenção da transmissão de HIV em pacientes com transtorno mental grave (PINTO *et al*, 2007; WAINBERG *et al*, 2007, 2008), a gravação em vídeo das sessões da intervenção, constituída de atividades com grupos de pacientes psiquiátricos internados, de ambos os gêneros, sob a orientação de dois facilitadores treinados para esse fim, constava inicialmente do protocolo de pesquisa. A equipe multidisciplinar que concebeu a pesquisa considerou que os dados relativos ao comportamento não verbal dos participantes, pacientes e facilitadores, seriam de suma importância para a avaliação da viabilidade do uso da intervenção, integrando, assim, no termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), a observação de que os dados seriam gravados em áudio e vídeo. O referido TCLE foi assim aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade de Columbia. Contudo, os Comitês de Ética brasileiros, aos quais a pesquisa foi submetida, solicitaram que as gravações fossem realizadas apenas em áudio, considerando que era necessária haver "total preservação do anonimato e da confidencialidade dos dados e figura dos usuários". Assim, permanecem, as questões: como trabalhar com imagens e atender ao critério de confidencialidade concomitantemente? Como administrar ambos os aspectos ao expormos a pesquisa em fóruns de discussão acadêmica?

Face ao exposto, cabe ao(s) pesquisador(es) incorporar(em) tais desafios e questões em suas práticas e indagar(em)-se, por um lado, sobre a viabilidade do uso de imagens em suas pesquisas e, por outro, a real necessidade das mesmas para o pleno cumprimento dos objetivos de seus trabalhos investigativos.

Referências Bibliográficas

AMEIGEIRAS, R. El abordagem etnográfico en la investigación social. In: GIALDINO, I. (Org.).

- Estrategias de investigación cualitativa.** Barcelona: Gedisa Editorial, 2006. p. 107-152.
- BAHKTIN, M. **Speech genres and other late essays.** Texas: University of Texas Press Slavic Series, 1986.
- BATESON, G. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.). **Sociolinguística interacional.** Rio de Janeiro: Parábola, 2002. p. 85-106.
- BARBIER, R. **A pesquisa-ação.** São Paulo: Liber Livro, 2006.
- Becker. H. **Segredos e truques de pesquisa.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- Birdwhistell, R. **Kinesics and context: essays on body motion communication.** Pennsylvania: University of Pennsylvania, 1970.
- CAMERON, D. Small differences, big differences: interactional sociolinguistics. In: _____. **Working with spoken discourse.** New York: Sage, 2001. p. 107-122.
- Christians, C. A ética e a política na pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (Org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2006. p. 141-162.
- DENZIN, N.; LINCOLN, Y. **Handbook of qualitative research.** New York: Sage, 2006.
- Drew, P.; Heritage, J. **Talk at work.** Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- ERICKSON, F.; SCHULTZ, J. When is a context? Some issues and methods in the analysis of social competence. **The Quarterly Newsletter of the Institute for Comparative Human Development**, v. 2, n. 1, p. 5-10, 1977.
- ERICKSON, F.; SCHULTZ, J. **The counselor as gatekeeper: social and cultural organization of communication in counseling interviews.** New York: Academic Press, 1982.
- FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Bookman, 2004.
- GIALDINO, I. V. **Estrategias de investigación cualitativa.** Barcelona: Gedisa Editorial, 2006.
- GILL, R. Análise do discurso. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Petrópolis: Vozes, 2002. p. 244-270.
- Goffman, E. **Frame analysis.** New York: Harper and Row, 1974.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis: Vozes, 1975.
- GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.). **Sociolinguística interacional.** Rio de Janeiro: Parábola, 2002. p. 107-148.
- GUMPERZ, J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.). **Sociolinguística interacional.** Rio de Janeiro: Parábola, 2002. p. 149-182.
- Gumperz, J. **Discourse strategies.** Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- GUMPERZ, J. Contextualization and understanding. In: DURANTI, A.; GOODWIN, C. **Rethinking context.** New York: Cambridge University Press, 1992.
- GUMPERZ, J. On interactional sociolinguistic method. In: Sarangi, S.; ROBERTS, C. (Org.). **Talk, work and institutional order: discourse in medical, mediation and management settings.** New York: Mouton de Gruyter, 1999. p. 453-472.
- GUMPERZ, J.; HYMES, D. **Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication.** New York: Holt; Rinehart & Winston, 1972.
- HALL, E. **The hidden dimension.** New York: Random House, 1990.
- KELLE, U. Análise com auxílio de computador: codificação e indexação. In: BAUER, M.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Petrópolis: Vozes, 2002. p. 393-415.
- JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Petrópolis: Vozes, 2002. p. 189-217.

- KENDON, A. **Non-verbal communication, interaction and gesture**. The Hague: Mouton, 1981.
- LODER, L. L. O modelo Jefferson de transcrição: convenções e debates. In: LODER, L. L.; JUNG, M. N. (Org.). **Fala em interação social: introdução à análise da conversa etnometodológica**. Campinas: Mercado das Letras, 2008. p. 127-161.
- MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. Rio de Janeiro: Ática, 1986.
- OSTERMANN, A. C.; SOUZA, J. Contribuições da análise da conversa para os estudos sobre o cuidado em saúde: reflexões a partir das atribuições feitas por pacientes. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 25, p. 1521-1533, 2009.
- PEREIRA, T. A voz da medicina na entrevista psiquiátrica: o meta-enquadre de gerenciamento de informações. In: DIAS PEREIRA, M. G.; BASTOS, C. R. P.; PEREIRA, T. C. (Org.). **Discursos sócio-culturais em interação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 273-296.
- PINTO, D. S.; RIBEIRO, B. M. T.; DANTAS, M. T. L. 'Let the heart speak out': interviewing practices by psychiatrists from two different traditions. **Communication & Medicine**, v. 2, p. 177-188, 2005.
- PINTO, D. S. *et al.* Sexuality, vulnerability to HIV, and mental health: an ethnographic study of psychiatric institutions. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 2224-2234, 2007.
- RIBEIRO, B. T. Papéis e alinhamentos no discurso psicótico. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 20, p. 113-138, jan./jul. 1991.
- RIBEIRO, B. T. **Coherence in psychotic discourse**. New York: Oxford University Press, 1994.
- RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. **Sociolinguística interacional**. Rio de Janeiro: Parábola, 2002.
- RIBEIRO, B. T.; HOYLE, S. Frame analysis. *Revista Palavra*, Rio de Janeiro, v. 8, p. 36-53, 2002.
- RIBEIRO, B. T.; PINTO, D. S. Medical discourse, psychiatric interview. In: Salager-Meyer, F. (Org.). **Encyclopedia of language and linguistics**. 2. ed. Oxford: Elsevier, 2006. v. 7, p. 658-664.
- RIBEIRO, B. M. T.; PINTO, D. S. The psychiatric Interview: an insider's perspective. In: Gotti, M.; Salager-Meyer, F. (Org.). **Advances in medical discourse analysis: oral and written contexts**. Bern: Peter Lang AG, 2006. v. 45, p. 155-195.
- ROSE, D. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, M.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 343-364.
- SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. **Revista Veredas**, v. 7, n. 1/2, p. 11-73, jan./dez. 2003.
- SCHIFFRIN, D. Interactional sociolinguistics. In: _____. **Approaches to discourse**. New York: Blackwell, 1994. p. 97-136.
- TANNEN, D. **That's not what I meant!** New York: William & Morrow, 1986.
- TANNEN, D. **Talking voices: repetition, dialogue, and imagery conversational discourse**. Cambridge: University Press, 1989.
- Tannen, D.; Wallat, C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação. Exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.). **Sociolinguística interacional**. Rio de Janeiro: Parábola, 2002. p. 183-214.
- WAINBERG, M. *et al.* A model for adapting evidence-based behavioral interventions to a new culture: HIV prevention for psychiatric patients in Rio de Janeiro, Brazil. **AIDS and Behavior**, v. 181/188, p. 10, 2007.
- WAINBERG, M. *et al.* HIV risk behaviors among outpatients with severe mental illness in Rio de Janeiro, Brazil. **World Psychiatry**, v. 7, p. 166-172, 2008.